



5

O LIMITE MAIS CRÍTICO

Inevitavelmente, adolescentes encontram-se no limite mais crítico de uma tensão entre participação e proteção que todas as crianças devem enfrentar. Eles são os herdeiros mais imediatos do mundo: são o próximo grupo etário a ter acesso às vantagens e às oportunidades da vida adulta, mas são também o grupo mais exposto aos perigos resultantes dos piores fracassos da sociedade.

Estudos recentes confirmaram aquilo que as pessoas que trabalham com adolescentes já sabiam por experiência própria: que os adolescentes têm a seu favor um forte sentimento de conexão com sua casa e sua escola; que prosperam quando mantêm relacionamentos próximos, quando são valorizados em suas comunidades e quando têm oportunidade de serem úteis para outras pessoas; que eles valorizam relações positivas com adultos, espaços seguros e oportunidades significativas de contribuir.³³

Descobrimo novas competências

Assim como milhões de outras meninas em todas as partes do mundo, as meninas entre 11 e 17

anos no Paquistão, especialmente aquelas de famílias de baixa renda, praticamente não têm chance de participar ativamente da sociedade e de seu próprio autodesenvolvimento. Ao longo da última década, o Projeto Menina Criança vem tentando resolver essa questão por meio da capacitação das meninas em suas próprias famílias e comunidades. O projeto foi idealizado para 500 vilarejos e cidades do Paquistão.

As meninas participam de oficinas com cinco dias de duração, que despertam sua consciência social, e, ao mesmo tempo, divulgam informações sobre saúde, higiene e nutrição úteis para todos os membros de suas famílias. Aquelas que receberam educação formal recebem kits casa-escola, que incluem lousa, giz e pôsteres. Esse material permite que muitas delas instalem miniescolas para meninas que não tiveram acesso à escola, contribuindo não só para aumentar sua própria auto-estima – e, em alguns casos, gerando uma pequena renda – como também ampliando a capacitação dentro da comunidade. Outras preferem receber treinamento em primeiros socorros, ou adquirir outras habilidades que permitam geração de renda.

'Xpression', uma reunião organizada pelo UNICEF, pelo YMCA e pela Island People, em Port of Spain, Trinidad e Tobago, reuniu estes jovens e ONGs de diversas partes do mundo para discutir e pensar sobre como utilizar música, grafite, hip-hop, moda e esporte para garantir aos jovens novas habilidades, serviços e um ambiente sustentável.

Um dos aspectos mais bem-sucedidos do programa é a possibilidade que dá às meninas para que descubram suas próprias capacidades e novas possibilidades na vida, tornando-se modelos de papéis para outras meninas, e iniciando o longo e árduo processo de rompimento das barreiras tradicionais à participação feminina.³⁴

"Eu não era bem assim há alguns anos," afirma Sumera Zafar, de 20 anos de idade. "Na verdade, eu era desajeitada e extremamente tímida... Mas hoje as pessoas confiam em minhas opiniões. Meninas de toda a vizinhança me procuram trazendo seus problemas, e me pedem para resolver questões domésticas graves. O Projeto Criança Menina realmente ajudou meninas como eu a acreditar em si mesmas. Ele nos fez ver que ser mulher não é uma maldição ou algo ruim. Ele nos ensinou a ter amor por nós mesmas e a sentir orgulho pelo que somos. Hoje eu realmente sinto que as mulheres são tão capazes quanto os homens..."

Ela dá seu recado para as meninas e as mulheres do Paquistão: *"Parem de depender dos outros e acreditem em si mesmas. Tomem uma atitude – já que esta é a única maneira de melhorar suas vidas e andar para a frente."*³⁵

Realizando mudanças sociais

Em todas as partes do mundo, há inúmeros exemplos de adolescentes que estão tentando influenciar o comportamento de outros jovens para realizar mudanças sociais. Em Montenegro, na Iugoslávia, o UNICEF apoiou a realização de seminários para treinar jovens voluntários da Cruz Vermelha em métodos de educação de grupos da sua idade. Eles utilizam técnicas inovadoras, atuando em dramatizações que retratam questões que os adolescentes podem encontrar, como fazer sexo ou não, dizer não em caso de comportamen-

tos de risco e proteger-se de infecções sexualmente transmissíveis, inclusive HIV/AIDS.³⁶

Os adolescentes que atuam como educadores de grupos da sua idade estão também combatendo o HIV/AIDS em todas as regiões da África. Em clínicas amigas da juventude, em Zâmbia, por exemplo, utilizando dramatização, poesia, música e mídia eletrônica, esses educadores transmitem informações fundamentais sobre HIV/AIDS, outras doenças e gravidez.³⁷ Os líderes desses grupos trabalham também em Camarões, onde fazem o mapeamento da vizinhança para indicar áreas de comportamento potencialmente de alto risco (bares, salas de vídeo ou alojamentos militares); a seguir, identificam os grupos de jovens existentes e trabalham com eles para aumentar a conscientização sobre HIV/AIDS.³⁸ Ao mesmo tempo, na Namíbia, os jovens que trabalham no programa já atingiram 100 outros jovens, dentro e fora das escolas, com treinamento de habilidades da vida diária visando a redução da gravidez e a prevenção do HIV/AIDS.³⁹

A idéia de promover a conscientização de jovens sobre comportamentos de risco por meio de adolescentes toma uma forma curiosa em algumas partes dos Estados Unidos. Em certas regiões, adolescentes assumem a responsabilidade de aplicar sentenças a seus pares. Estas 'cortes adolescentes' envolvem voluntários de 8 a 18 anos de idade – alguns deles ex- infratores – que atuam como advogados, juízes e júris, julgando seus pares por crimes não violentos, infrações de trânsito ou violação de normas escolares.⁴⁰ O modelo vem sendo explorado também na Alemanha e no Japão.

Na Tailândia, como parte do programa "Acampamento da Juventude pelo Fim da Violência contra a Criança e a Mulher", 60 jovens

foram treinados para se tornar voluntários e catalisadores tanto do acompanhamento de violência doméstica em sua comunidade quanto da campanha pelo fim desse comportamento. Como resultado dessa iniciativa, está em andamento a revisão de uma lei federal sobre violência doméstica.⁴¹

Ao longo da adolescência, assim como na primeira infância, pessoas portadoras de deficiências são rotineiramente excluídas dos padrões normais da vida cotidiana. Na Bielorrússia, o UNICEF apoiou programas visando integrar à sociedade os jovens portadores de deficiências, dando-lhes treinamento para uma vida mais independente e equipando-os com habilidades voltadas para o trabalho.⁴² No Irã, a inclusão das opiniões e dos pontos de vista de jovens portadores de deficiências no processo de elaboração do programa do UNICEF foi garantida por meio de três seminários, nos quais 150 meninos e meninas de todas as partes do país, portadores de deficiências de fala, auditivas, visuais e motoras, discutiram seus problemas e identificaram estratégias e atividades que poderiam ajudá-los. Além disso, crianças portadoras de deficiências foram anfitriãs em um seminário realizado para a comemoração anual da ratificação pelo Irã da Convenção sobre os Direitos da Criança.⁴³

O problema: crianças exploradas por adultos

Mesmo quando há consciência do potencial dos adolescentes e de suas realizações positivas, é vital que se reconheça que eles correm riscos causados pelos efeitos ameaçadores do comportamento irresponsável dos adultos: por exemplo, operando o tráfico de crianças para o trabalho escravo e a prostituição ou fazendo o recrutamento forçado de crianças para serem soldados.

- O tráfico de crianças tornou-se um negócio que rende bilhões de dólares anualmente, vitimando cerca de 1,2 milhão de crianças a cada ano.⁴⁴
- O tráfico de crianças para exploração na agricultura e em serviços domésticos tornou-se recentemente um problema nos países da África ao sul do Saara.⁴⁵
- O tráfico de meninas para a prostituição foi, por muito tempo, uma preocupação no Sudeste da Ásia, onde uma rede lucrativa provavelmente envolve autoridades políticas, parentes e guardas, cada um recebendo sua própria fatia dos lucros.⁴⁶
- Houve um grande recrudescimento do número de meninas traficadas da Moldova, da Romênia e da Ucrânia para a Europa Ocidental por quadrilhas baseadas na Albânia, na Bósnia e Herzegovina, ou Kosovo, na Iugoslávia.⁴⁷
- Estima-se que 300 mil crianças tenham sido coagidas a prestar serviço militar, trabalhando como soldados, carregadores, mensageiros, cozinheiros ou escravos sexuais, sendo 120 mil somente na África.⁴⁸

Estes são casos extremos, mas em cada sociedade os adolescentes constituem o grupo etário mais exposto a marginalização, abusos, exploração e negligência, e permanecem em um limbo perigoso, não sendo suficientemente jovens para inspirar atitudes protetoras por parte dos adultos, nem tendo idade suficiente para conseguir o poder e as possibilidades da sociedade adulta. Quase todos os países têm populações de adolescentes desperdiçando a vida nas ruas dos centros urbanos. As estimativas mais recentes registram em 100 milhões o número dessas crianças.⁴⁹ Muitas delas trabalham nas ruas, mas

voltam para uma casa da família à noite; outras, porém, estão longe do alcance protetor e estimulante de uma família. Muitas delas talvez jamais tenham tido a experiência do lar como um porto seguro, já que muitas vezes o abuso sexual é um dos fatores principais na decisão de sair de casa e viver nas ruas.

Em todos os países, crianças que vivem nas ruas ou passam nas ruas a maior parte de sua vida correm riscos de todo tipo: de desnutrição ou infecções por HIV até a sedução do submundo das drogas. Em algumas cidades, até mesmo sua sobrevivência é ameaçada diariamente. Inevitavelmente, vivendo à margem da lei, enfrentam muitas vezes conflitos com as autoridades locais, e estudos realizados em diversos países relatam que o medo mais comum entre essas crianças é o de ter uma morte violenta.⁵⁰

Uma solução: crianças organizadas para sua própria proteção

No Brasil, meninos e meninas que vivem nas ruas das cidades fundaram o MNMMR (Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua), um espaço para participação que permitiu que esses jovens tomassem consciência de seus direitos e lutassem por eles, e que reorganizassem suas perspectivas de vida. Em 1985, educadores de todas as partes do país, que já trabalhavam com crianças de rua, fundaram o Movimento após um encontro nacional do qual participaram delegações de adolescentes representando grupos locais. Em 1986, cerca de 600 crianças que viviam nas ruas por todo o país e educadores de rua reuniram-se e definiram os quatro principais objetivos do Movimento:

- mudar leis que punem crianças pobres por serem pobres;

- combater a violência;
- apoiar e ampliar o Movimento para permitir a participação de um número maior de meninos e meninas;
- treinar educadores e ativistas para desenvolver as competências necessárias e a abordagem adequada com relação a essas crianças.

Com estes objetivos, o Movimento decidiu fortalecer uma rede de apoio mútuo e métodos de educação em dois níveis organizacionais: (1) os educadores em grupos locais e nacionais, e uma coordenação nacional; e (2) grupos de meninas e meninos, em Núcleos de Base, que se reúnem nos níveis municipal, estadual e nacional. O encontro nacional é organizado a cada três anos: em 2002, reuniu mais de mil meninos e meninas em Brasília, a capital do país.

O Movimento teve impacto significativo na reforma da legislação nacional. Em 1988, um artigo que sintetiza a Convenção sobre os Direitos da Criança foi introduzido no texto da Constituição Brasileira que estava sendo reformulada após 25 anos de ditadura militar. O Movimento também teve papel ativo nas discussões que levaram à formulação do Estatuto da Criança e do Adolescente no país, sancionado em 1990; e, em outra frente de ação, desempenhou papel fundamental denunciando grupos de extermínio.

Participando do Movimento, meninos e meninas que passaram algum tempo nas ruas aprendem como voltar para a vida com a família e a comunidade, freqüentam a escola e desfrutam de um espaço que é seu, onde podem lutar por seus direitos.

"Entre os parceiros que buscamos, queremos especialmente as próprias crianças."

Declaração Mundial sobre a Sobrevivência,
a Proteção e o Desenvolvimento da Criança
1990